

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de teatro na escola
Raphael Brusque

Grazielle Soares de Barros

Pelotas, 2014.

Graziele Soares de Barros

**A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de teatro na escola
Raphael Brusque**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teatro – Licenciatura, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2014.

Graziele Soares de Barros

**A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de teatro na escola
Raphael Brusque**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 13/02/2014

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira (orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Ms. Maria Amélia Gimmler Netto
Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho aos esfarrapados do mundo que são a razão da inquietude que originou esse estudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família por ter apoiado e dado todo suporte necessário para eu ingressar e permanecer na universidade.

À minha orientadora amada Fabiane Tejada da Silveira por ter sido muito mais do que uma orientadora, mas uma amiga que me inspira a cada encontro.

Às meninas que moraram comigo durante esse estudo e os agregados que fizeram parte do apartamento 559, Francieli Borges, Fernanda Peres, Ariane Carmo, Lucas Agostini e Fernanda Cruz, pela paciência e pelos brigadeiros.

Aos meus amigos Carolina Ferreira, Elias Pintanel, Fernanda Schindel e Murilo Furlan, pela paciência (também), pelos “chimas” e por tudo que me ensinaram nesses quatro anos.

A todos os colegas da minha turma pelas reflexões em sala de aula.

A todo o pessoal do Núcleo Freire pelas manhãs cheias de ensinamentos e carinho.

Ao professor Gomercindo Ghiggi por compartilhar seu conhecimento com tanta generosidade.

Ao movimento estudantil e todos que dele fazem parte por me fazer acreditar que a nossa luta tem que ser todo dia.

A todos os professores do curso de Teatro por todo conhecimento compartilhado e também pela luta para que esse curso seja cada dia melhor.

À colônia Z3 por ter me recebido de braços abertos.

E, principalmente, aos alunos e professores da Escola Raphael Brusque que fizeram esse trabalho se tornar realidade.

Resumo

BARROS, Grazielle Soares de. **A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de teatro na escola Raphael Brusque**. 2014. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

O presente estudo tem por objetivo principal responder a questão: “Como a educação problematizadora de Paulo Freire pode contribuir para o ensino de teatro na escola municipal Raphael Brusque?”. Para isso, fez-se uma pesquisa baseada em aulas de teatro ministradas para o sexto ano da Escola Raphael Brusque durante três meses. Essa instituição está localizada na colônia de pescadores Z3, na área rural da cidade de Pelotas. A metodologia utilizada teve como referência a pesquisa-ação, pois a autora ministrou as aulas e procurou promover mudanças a partir de sua práxis na reflexão sobre o cotidiano feita com os estudantes envolvidos no processo. Para o desenvolvimento das aulas foram utilizados os jogos teatrais de Viola Spolin e o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Depois de concluída essa etapa foram feitas entrevistas com a direção da escola e com os alunos, além de levarem-se em conta as percepções da pesquisadora-professora. O trabalho com teatro baseado na educação problematizadora teve um resultado significativo quanto à tomada de consciência das crianças para a realidade dos oprimidos, em particular aqueles que as envolve. Além disso, a turma teve um grande avanço quanto ao trabalho de consciência corporal e saber sensível a partir das atividades teatrais realizadas. Esse estudo pretende ser impulsionador para outros que possam questionar a relação entre metodologias teatrais de ensino e a teoria freiriana.

Palavras-chave: educação problematizadora; ensino de teatro; teatro do oprimido.

Abstract

BARROS, Grazielle Soares de. **The Paulo Freire's problematizing education and the teaching of drama in the Raphael Brusque School**. 2014. 32p. Completion of course work - Drama Graduation Course , Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2014.

This study's main objective is to answer the question: "How the Paulo Freire's problematizing education can contribute to the teaching of drama in the Raphael Brusque school hall?". For this, has done a research based in drama classes taught to the sixth grade of the Raphael Brusque School for three months. This institution is located in the fishermen colony Z3, in the rural area of Pelotas. The methodology used had as reference the action-research, because the author taught classes and sought to promote changes from your praxis on the reflection of the everyday by the students involved in the process. For the classes were used the Viola Spolin's Theater Games and the Augusto Boal's Theatre of the Oppressed. After completing the lessons, were made interviews with the school board and the students in order to reap the results of this work, and if they take into account the perceptions of the researcher-teacher. The work with theater based in the problematizing education had a significant result regarding the awareness of children to the reality of the oppressed, particularly those surrounding them. Moreover, the class had a breakthrough with the work of body awareness and sensitive knowledge from the theatrical activities. This study aims to be a booster for others who may question the relationship between theater methodologies for teaching and the Freirian theory.

Keywords: problematizing education, teaching theater, theater of the oppressed.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	PRINCÍPIOS DA PESQUISA: O DIAGNÓSTICO E OS PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISADORA.....	9
	2.1. Origem do Estudo	9
	2.2. Justificativa	12
	2.3. Objetivos	14
	2.4. Sobre a escola da Z3	15
3.	REFERENCIAL TEÓRICO	18
	3.1. Revisão de Literatura	18
	3.2. Metodologias teatrais	23
	3.3. Teoria freiriana	25
4.	A PRÁTICA EM SALA DE AULA NA COLÔNIA Z3	27
	4.1. Metodologia de pesquisa	27
	4.2. O dia-a-dia da sala de aula	28
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICES.....	41
	ANEXOS	50

1. Introdução

O presente texto pretende apresentar a pesquisa elaborada durante o ano de 2013 com os alunos da escola Raphael Brusque. Esse estudo está baseado na Educação Problematizadora de Paulo Freire e busca compreender como essa teoria auxilia nas práticas das aulas de teatro.

Para melhor compreensão de todo esse trabalho fez-se necessário dividir o desenvolvimento do texto em três partes. A primeira é um capítulo introdutório que apresenta os objetivos, a justificativa e a apresentação do local da pesquisa.

A segunda parte é um capítulo de reflexão teórica onde se expõe alguns pressupostos das metodologias teatrais utilizadas e da teoria de Paulo Freire. Além disso, nesse capítulo também se encontra um estudo feito em diversas plataformas de pesquisa para confirmarmos a viabilidade e a importância desse trabalho para o universo acadêmico.

Por fim, o último capítulo do desenvolvimento esclarece toda a metodologia de pesquisa e os resultados obtidos através das aulas ministradas. Nessa parte da monografia é possível verificar a reação das crianças ao conhecimento teatral, ainda muito novo para elas.

Depois desses capítulos segue as considerações sobre a importância dessa pesquisa para a formação da autora, bem como da relevância para o meio acadêmico. Também nesse tópico se expõe uma reflexão sobre as aulas de teatro e sua importância para os estudantes envolvidos.

2. Princípios da pesquisa: o diagnóstico e os primeiros passos da pesquisadora

2.1. Origem do Estudo

Este estudo tem sua origem em 2010 quando entrei no curso de Teatro – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Nesse mesmo ano participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)¹, no qual tive a oportunidade de fazer um trabalho interdisciplinar com acadêmicos de outras licenciaturas. Essa iniciativa, pioneira em nossa universidade, fez com que buscássemos fontes em diversas áreas do conhecimento para construir nosso trabalho.

O projeto interdisciplinar no qual participei trabalhava com Direitos Humanos², sendo assim procurei bibliografias que tivessem relação com essa temática e fossem da área teatral e então cheguei até Augusto Boal e seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” (2011). Esse livro descreve não só o método do teatro do oprimido, bem como relata fatos históricos de como essa teoria foi elaborada. Além disso, trazia muitos questionamentos sobre a temática que eu estava buscando.

No entanto, lendo esse autor senti a necessidade de me aprofundar no conceito de oprimido e foi então que comecei a estudar a teoria de Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1987). Paulo Freire fundamenta seus estudos em uma série de obras filosóficas que sedimentam sua teoria sobre uma educação comprometida com a causa dos “oprimidos”, dos “esfarrapados do mundo”. Apesar

¹ Programa criado pelo governo brasileiro em 2007. O principal objetivo do programa é aperfeiçoar a formação inicial dos professores financiando projetos das instituições de ensino superior em parceria com escolas públicas de educação básica.

² Quando se refere aqui aos Direitos Humanos nos referimos aqueles direitos universais criados pela Organização das Nações Unidas, os quais devem ser seguidos por todos os países do mundo. Nesse projeto trabalhamos com grupos sociais que têm alguns desses direitos violados no Brasil, como por exemplo, mulheres, negros, homossexuais e pessoas em vulnerabilidade social.

de não ter me aprofundado nesse momento sobre esse livro, pude utilizar alguns conceitos para o trabalho do PIBID.

Em 2012 terminei o projeto no PIBID, mas queria continuar estudando Freire e Boal. Por esse motivo, resolvi entrar no projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) criado e orientado pela professora doutora Fabiane Tejada da Silveira (UFPEL). Esse projeto tem por objetivo levar oficinas de teatro do oprimido para comunidades periféricas da cidade de Pelotas, além de aprofundar as relações entre o teatro do oprimido e a teoria freiriana. O TOCO já passou pela comunidade do Dunas e está na Z3 desde 2010.

A partir desse estudo me dei conta que os textos freirianos me chamavam mais atenção. Era algo que dialogava comigo e com o que eu pensava. Nem sempre concordava com as coisas que dizia, bem como nem sempre discordava, mas a troca de ideias era o mais interessante. Tal teoria trouxe algumas indagações para minha vida e me fez refletir sobre a escola, a universidade, meus professores e minha postura enquanto profissional da educação.

Segundo Freire: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.” (FREIRE, 1996, p. 43-44). E a partir dessas provocações fui repensando minha prática e tudo que a envolvia, para tentar sempre mantê-la em acordo com o que eu pensava. A partir desses pensamentos e questionamentos comecei a delinear meus anseios de pesquisa.

No segundo semestre de 2012 é que de fato cheguei mais perto desse objeto. Nesse período me matriculei em uma disciplina chamada “Filosofia, educação e sociedade: diferentes leituras e reflexões de Paulo Freire”, ministrada pelo professor doutor Gomercindo Ghiggi na Faculdade de Educação da UFPEL. Essa vivência me trouxe mais questionamentos, porém me esclareceu sobre o que eu queria pesquisar no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). De acordo com as provocações do professor Gomercindo percebi que gostaria de investigar acerca das contribuições de Paulo Freire para a prática pedagógica no ambiente escolar.

A partir dessa conclusão, comecei a pensar qual relação eu faria. A princípio pensei em estabelecer uma reflexão baseada na conjuntura escolar brasileira, mas

acreditei que seria muito abrangente e preferi delimitar meu estudo em alguma experiência que o meu curso me proporcionasse.

Nesse momento o projeto no qual eu participava, o TOCO estava atuando na escola municipal Raphael Brusque e passava por uma fase em que as oficinas extraclases não estavam atingindo seu público alvo. Refletindo sobre essa realidade nós do projeto TOCO diagnosticamos que isso se deu pelo fato dessa escola não ter uma cultura teatral e alguns alunos não terem nenhuma relação com essa linguagem. A partir dessa problemática a solução encontrada foi irmos para o horário curricular. Foi então que pensei que essa seria uma boa oportunidade para iniciar minha pesquisa para o TCC, pois poderia fazer os conceitos freirianos saírem do papel e irem para a sala de aula a partir da minha prática.

Mesmo assim, ainda me faltava definir exatamente o que pesquisar, qual seria a principal pergunta que eu queria responder com meu TCC. Comecei a me questionar sobre a teoria freiriana na escola, se o sistema escolar tem relação com as ideias de Freire, se a instituição escola permite o uso dos conceitos dessa teoria. Além disso, procurei uma ligação entre Freire e teatro, se havia outra teoria teatral além da de Boal que se ajustasse aos estudos freirianos e os principais conceitos freirianos que têm relação com teatro.³ Cheguei então ao ponto de imaginar que poderia investigar quais as contribuições que a prática freiriana daria a escola.

Partindo desse ponto criei algumas perguntas iniciais. Depois lendo mais livros de Freire, discutindo com outras pessoas que estudam o autor e tendo orientações com a professora Fabiane cheguei à seguinte questão: “Como a educação problematizadora de Paulo Freire pode contribuir para o ensino de teatro na escola municipal Raphael Brusque?”

Sendo assim, o tema da pesquisa foi: O ensino de teatro baseado nos fundamentos da educação problematizadora de Paulo Freire. Trabalhei com aulas de teatro que trouxessem em sua metodologia um ensino que abra espaço para o aluno pensar, questionar e opinar, ou seja, um ensino baseado no diálogo e no respeito pelo saber do outro. Estas reflexões são abordadas por Paulo Freire ao longo de toda sua obra e neste estudo procurei enfocá-las como os princípios de

³ É importante destacar que existem muitas teorias teatrais que tem relação com a teoria freiriana, como por exemplo, as peças didáticas de Brecht, o Drama de Biange, entre outras. Porém, eu optei pelo teatro do oprimido por já estudar isso há algum tempo.

uma educação problematizadora. Os problemas que surgem da reflexão cotidiana feita pelos alunos e professores durante o ato de ensinar/aprender servirão como base de construção de novos conhecimentos acerca da sociedade. Dessa forma, dei oficinas teatrais semanalmente para os alunos do sexto ano com encontros nos horários curriculares da disciplina de Artes.⁴

Conforme abordado anteriormente, o projeto TOCO já estava inserido na escola Raphael Brusque desde o meio do ano de 2012 com oficinas extracurriculares. No entanto, nós do projeto notamos que não havia interesse dos alunos pelas aulas fora do horário normal. Conversando com o professor de Artes desse estabelecimento pensamos que talvez essa evasão teria acontecido pela falta de informação dos alunos sobre o que é teatro. Para sanar essa preocupação acreditamos por bem encaixar as oficinas no horário curricular. A direção dessa instituição nos mostrou apoio e interesse pela ideia, o que proporcionou motivação para efetivar o trabalho. Sabemos que o ensino de teatro é muitas vezes entendido como complementar à formação do aluno, mas não essencial. O fato de a escola ter a percepção de que era necessário que o teatro fosse transferido para o horário curricular nos mostra que ali se pensa diferente, e que eles compreendem a real importância desse ensino no currículo.

2.2. Justificativa

Na escola Almirante Raphael Brusque, a qual está situada na colônia Z3, não se tem notícia se teve aulas de teatro com o objetivo de problematizar a realidade dos educandos e nem se utilizava jogos teatrais⁵ para embasar tais questionamentos. As aulas de teatro, as quais se sabem que tinham antes do projeto TOCO se inserir na escola, eram baseadas na montagem de espetáculo, ou seja, decorar textos e papéis e apresentar uma peça.

⁴ A disciplina de Artes possui dois períodos por semana com cada turma.

⁵ O jogo teatral é um conceito elaborado nos anos 60 pela americana Viola Spolin. Tal conceito prevê uma atividade em grupo que proporcione aos que dela participam aquisição da linguagem teatral. O arsenal de jogos teatrais que Spolin sistematizou proporciona uma busca pela criatividade na solução de “problemas” cênicos. Tais jogos estão calcados na ação, e não na palavra. (SPOLIN, 2010).

Para atingir esse objetivo buscou-se utilizar a metodologia do teatro do oprimido de Augusto Boal. Essa metodologia é um apanhado de jogos e técnicas que buscam a reflexão através da ação. Nessas técnicas o oprimido é convidado a participar de cenas e jogos que evidenciem opressões, para que assim seja possível buscar soluções para sua situação. Sendo assim, essa metodologia se difere da montagem de espetáculo, pois não tem o objetivo de chegar a um espetáculo, mas sim refletir sobre a realidade dos oprimidos através do teatro.⁶

Pelo fato de não ter tido até então uma abordagem calcada nesses jogos é que me pareceu interessante buscar o que pôde viabilizar esse ensino problematizador na referida escola. Foi então uma busca pelas transformações do comportamento dos jovens a partir da metodologia teatral aqui destacada e a relação corpo-espço que proporciona essa mudança. Cabe destacar a importância do apoio da direção da escola, bem como do corpo docente para que o trabalho repercuta nas relações estabelecidas nesse espaço educativo.

A gestão da escola foi quem abriu as portas para que o TOCO fizesse um trabalho ali, com o intuito de trazer novas abordagens pedagógicas para o currículo. De acordo com uma avaliação inicial, acredita-se que a gestão propõe uma relação dialógica com o corpo docente, pois sua postura ao ouvir as preocupações dos professores e tentar solucionar os problemas em conjunto demonstra essa vontade pelo diálogo, o que traz para a pesquisa um ponto favorável. Além disso, a gestora é moradora da colônia Z3 e também faz parte do corpo docente, o que, acredita-se, proporciona esse diálogo de fato é o convívio.

Quanto aos professores da escola, ainda não tive muitas oportunidades de interação com eles, mas pareceram, no geral, um grupo interessado no trabalho que faz. Apesar disso, trazem alguns discursos sobre certa “hierarquia de disciplinas”. Em algumas visitas que fiz à escola notou-se que o modelo de ensino ainda se dá de acordo com a importância de disciplinas, como português e matemática. Tanto na quantidade de períodos, quanto no tempo para correções de provas, essas disciplinas têm preferência, pois há um consenso de que são matérias mais importantes do que as outras. Isso me fez refletir sobre a necessidade de um

⁶ Essa metodologia será melhor explicada no próximo capítulo.

trabalho baseado na afirmação da disciplina de arte como um espaço de construção de conhecimento efetivamente relevante para a vida do aluno.

Esses são alguns pontos que me levaram a crer que seria justificável um trabalho de teatro que buscasse essa raiz freiriana, com o objetivo de traçar caminhos que proporcionem um ensino que faça sentido para essas crianças, que lhes dê essa experiência estética.⁷

2.3. Objetivos

O objetivo principal dessa investigação foi conhecer as contribuições que a educação problematizadora de Paulo Freire pode oferecer ao ensino de teatro na escola Raphael Brusque. Dessa forma, busquei um ensino diferente do tradicional para assim perceber o que de fato essa teoria pode fazer pela realidade⁸ escolar quando posta em prática.

Além disso, existem objetivos específicos que envolvem essa pesquisa, pois se pretendeu conhecer mais aprofundadamente a realidade da escola do bairro da Z3. Isso porque para oferecer oficinas de teatro e, conseqüentemente, uma experiência estética, era necessário não somente “fechar minha sala de aula”, mas de fato adentrar nessa comunidade.

Quando fui conhecendo a realidade notei que era válido fazer uma pesquisa que envolvesse um ensino de teatro baseado no diálogo e no respeito pela palavra do outro. Isso, como já foi dito anteriormente, é devido à falta de ensino de teatro que tivesse esse aspecto.⁹

Com isso, também foi uma preocupação dentro da pesquisa saber a relevância do tema para os sujeitos envolvidos, pois o estudo só teria sentido em

⁷ Entende-se por experiência estética a vivência de um espetáculo ou objeto artístico a partir da ótica da estética teatral, que por sua vez, compreende-se como aquela que formula o que compõe determinada obra artística. (PAVIS, 2008).

⁸ Realidade para Freire é um conceito chave de toda sua teoria, pois é pensando a realidade e refletindo sobre ela que pretende-se transformá-la. A realidade tem relação com o contexto social e histórico, porque é produto dessa totalidade. (GADOTTI, 2010).

⁹ Eram acostumados a fazer montagens teatrais prontas, as quais as crianças só teriam que decorar textos de outros autores.

acontecer, em uma perspectiva de pesquisa-ação a partir da necessidade dos sujeitos envolvidos. Neste caso, deveria partir da vontade dos alunos envolvidos em conjunto com a minha vontade.

Outro objetivo específico da pesquisa foi formular um trabalho teórico-reflexivo sobre a experiência na comunidade Z3, apontando os pressupostos metodológicos que viabilizam o ensino problematizador da linguagem teatral.

2.4. Sobre a escola da Z3

A escola em questão se localiza em uma colônia de pescadores na zona rural da cidade de Pelotas, sul do estado do Rio Grande do Sul. A colônia se encontra no segundo distrito da cidade e vivem ali pescadores profissionais e artesanais. Localiza-se a cerca de 25 km do centro da cidade e possui em torno de quatro mil habitantes.

Essa colônia inicialmente chamada de Colônia São Pedro foi fundada em 29 de Junho de 1921 e é constituída em sua maioria por famílias provindas de Santa Catarina, de outras cidades do estado do Rio Grande do Sul e pessoas da zona urbana de Pelotas. Além disso, parte a colônia é provinda da “Ilha da Feitoria”, a qual se localiza à uma hora de barco da costa da colônia.

Apesar das tecnologias de navegação como o GPS, por exemplo, terem chegado à colônia há bastante tempo, hoje os jovens pescadores ainda utilizam os velhos ensinamentos herdados dos pais e avós em sua grande maioria.

O distrito possui comércio e movimentação o bastante para ser quase auto-suficiente, a exceção para isso é, no entanto, em relação à educação e saúde. A colônia tem apenas essa escola pública de ensino fundamental e um posto de saúde. Para continuar a estudar no Ensino Médio os moradores são obrigados a se dirigirem ao centro da cidade, o que faz com que muitos desistam dos estudos antes de completar a educação básica. Além disso, no posto de saúde não é possível fazer nem se quer uma sutura, assim que quando há um acidente, mesmo que doméstico, é necessário ir ao centro também.

Além dessas questões, existem outros problemas provindos do descaso do poder público com a colônia, o transporte é um deles. A estrada de chão batido construída na década de setenta é a principal via de acesso. O transporte público possui pouquíssimos horários e apenas uma empresa faz o trajeto, o que faz com que o preço seja abusivo. Somam-se a esses problemas também pontos como saneamento básico e segurança. Atualmente o posto policial do distrito está desativado e a comunicação dessa comunidade com os órgãos públicos é bem restrita.

No distrito a religião está presente em diversas formas. O bairro possui uma igreja católica, o Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes construída na década de sessenta. Segundo os moradores essa igreja foi “construída pelos peixes”, uma vez que os moradores doavam suas safras para a construção dela. Mas além do catolicismo está muito presente também o espiritismo e as religiões afro descendentes, como o Candomblé e a Umbanda.

Quanto ao entretenimento, além das festas religiosas o distrito conta com clubes e associações que fazem diversas festas. Uma delas que envolve os alunos da referida escola é o concurso de blocos carnavalescos. O distrito conta com diversos blocos que já possuem anos de tradição e desses cada aluno se encaixa em um para fazer danças, marchinhas e camisetas.

A colônia conta com um jornal local chamado “O Pescador” produzido pelo curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Esse projeto teve início em 2000 e produz uma edição bimestral com notícias sobre a Z3, em sua maioria. A distribuição do jornal é feita geralmente em algum sábado pelos estudantes que entregam os exemplares nas casas.¹⁰ Além do jornal a colônia também possui uma rádio comunitária organizada como hobby por um morador. A rádio vai ao ar aos finais de semana com notícias, entrevistas e comunicados para todo o distrito.

A colônia Z3 tem inclusive seu próprio vocabulário com expressões como “Saragaço”, que significa bagunça, barulho, e “Balaquero”, que quer dizer aquele que se acha muito, que se crê melhor que os outros.¹¹

¹⁰ Alguns exemplares também ficam disponibilizados na cantina do Campus II da UCPEL.

¹¹ Outras expressões e fatos históricos podem ser encontrados no blog: <<http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/>>.

Os alunos que frequentam essa escola também são todos provindos dessa colônia, e os professores em sua maioria são oriundos da zona urbana dessa mesma cidade. A estrutura física da escola tem alguns pequenos problemas por ser uma construção mais antiga. Além disso, a escola é pequena. Ao todo são onze salas de aula, sete salas administrativo-pedagógicas, um refeitório e duas salas para o programa Mais Educação.¹²

¹² O programa “Mais Educação” busca desenvolver atividades fora do horário curricular para complementar a formação do educando. É oferecido pelo Ministério da Educação (MEC) em escolas com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e que estão situadas em cidades com mais de 163 mil habitantes.

3. Referencial Teórico

3.1. Revisão de Literatura

O presente texto pretende expor as pesquisas feitas no Brasil sobre o ensino de Teatro e a relação com Paulo Freire. Para tanto, realizou-se uma busca nos anais dos congressos e reuniões científicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no site da SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) e nos anais das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Optou-se por realizar tal busca nos últimos dez anos de pesquisa e somente nos textos em português.

Nos anais da ABRACE escolheu-se analisar apenas os artigos do grupo de trabalho “Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação”, por ter mais relação com a temática aqui buscada. Nesse GT foram encontrados seis artigos que tinham alguma relação com a pesquisa, dentre todas as reuniões científicas e congressos.

Nos periódicos da CAPES encontrou-se apenas três artigos que tinham relação com a temática, ainda que alguns não sejam da área teatral. Isso porque a busca que se fez não se restringiu aos artigos que tem os dois grandes temas, mas também aqueles que de certa forma tinham alguma ligação com um deles.

No site da SCIELO fez-se uma busca pelas palavras-chave “Freire” e “Teatro” e conseguiu-se localizar cinco artigos que relatam uma pesquisa com um desses temas. Dentre eles, apenas alguns continham uma metodologia teatral envolvida com a teoria freiriana.

Dentre as reuniões da ANPED apenas a partir da 32ª reunião, que ocorreu em 2009, o grupo de trabalho “Educação e Arte” foi inserido para apresentação de trabalhos. Desta forma, busquei apenas os trabalhos a partir dessa edição e encontrei quatro artigos que abordam as temáticas.

Lendo os diversos textos encontrados notou-se que existem três eixos que se repetem algumas vezes, são eles: o ensino de teatro, tanto na formação de professores de teatro como metodologias teatrais; a arte como método, ou poderíamos dizer como ferramenta para trazer outros conhecimentos; e os estudos de Paulo Freire como metodologia. Encontramos ainda alguns textos que não se assemelham a esses eixos, mas como era bastante recorrente dividiu-se dessa forma.

Dentre os artigos que falam sobre o ensino de teatro encontrou-se dois que falam sobre a formação do professor de teatro. Um deles chama-se “O teatro e o projeto integrado de prática educativa na Universidade Federal de Uberlândia (UFU)” (2007) e foi escrito por Vilma Campos. O artigo descreve a experiência do Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE) dos alunos de licenciatura em Teatro nas escolas públicas. Um projeto que promove a interação entre universitários e escolas como um espaço de aprendizagem anterior aos estágios supervisionados. O outro se diferencia do primeiro por se tratar de uma formação dentro da sala de aula. O título do artigo é “A estética política do teatro do oprimido: uma metodologia de formação docente?” (2009) e foi escrito por Cilene Nascimento Canda (UFBA). Apesar de ambos falarem sobre a formação acadêmica parece importante colocá-los aqui, pois falam também sobre o ensino de teatro.

Encontraram-se também dois artigos escritos por Márcia Pompeo Nogueira que faz reflexões sobre teatro e comunidade. O primeiro artigo nomeado “Pistas para pesquisa de uma comunidade como base para um trabalho teatral” (2011) traz maneiras de como se inserir nas comunidades. Já o segundo intitulado “Tentando definir o Teatro na Comunidade” (2007) aborda alguns conceitos chave sobre comunidade e sua relação com o teatro. Essa relação entre teatro e comunidade também está presente nessa pesquisa, ainda que de um modo sutil, pois a comunidade Z3, enquanto espaço de convivência dos alunos, tem papel fundamental na formação deles.

Ainda no eixo sobre ensino de teatro encontramos um artigo que descreve o projeto político pedagógico da “SP Escola de Teatro”. Esse texto mostra todo o funcionamento dos cursos presentes nessa escola enquanto metodologia inovadora para ensinar teatro. O texto intitula-se “Estrutura e premissas da proposta do projeto

pedagógico elaborado para a criação da SP ESCOLA DE TEATRO” (2011) e foi escrito por José Simões Almeida Junior.

O último texto encontrado que aborda a temática da educação teatral tem nome “O corpo-educador do artista-pedagogo e político na intenção de uma educação estética” (2012) escrito por Ana Cristina de Moraes (UECE). O texto propõe uma reflexão acerca do que compõe a figura do arte-educador, ou seja, o artista, o pedagogo, o ser político, que possui uma bagagem sócio-cultural e bio-fisiológica e que leva tudo isso para dentro da educação que exerce. Essa reflexão também se faz necessária nessa pesquisa para que a pesquisadora se compreenda enquanto professora atuante em sala de aula.

No entanto, foi no eixo arte como metodologia que foi encontrado mais pesquisas sobre o assunto. Ao todo se soma oito artigos que utilizam a linguagem artística como ferramenta para transmitir outros conhecimentos. É preciso esclarecer que toda forma de se fazer arte são válidas e importantes, mesmo que seja com objetivos distintos.

Um dos textos encontrados no site da ABRACE traz um pouco dessa visão do teatro como método para chegar a outro ponto. O artigo escrito pela professora doutora Fabiane Tejada da Silveira é intitulado “A práxis teatral de uma espectatriz/professora em construção” (2012) e parte de sua tese de doutoramento, na qual ela pesquisa acerca da práxis teatral enquanto uma pedagogia para a construção de um sujeito histórico. Esse artigo, bem como a tese e a dissertação da professora, foi muito importante para a conceituação freiriana dessa pesquisa

Foram poucos os textos que faziam uma relação da teoria freiriana com a prática teatral e um deles foi o artigo de nome “O 18 de maio como espaço de investigação e formação” (2011) escrito por Angela Maria Dias Fernandes e Emanuella Cajado Joca da Universidade Federal da Paraíba. O texto expõe um experimento que envolve teatro do oprimido e palavras geradoras de Paulo Freire como eixo principal para desmistificar a “produção”¹ da loucura. Apesar da área ser outra (psicologia), esse texto contribui para estabelecer a relação entre Boal e Freire.

¹ Essa expressão foi retirada do próprio artigo.

Em vários textos foi possível identificar a temática da formação inicial atrelada ao uso da linguagem artística. O artigo que se intitula “O teatro de Augusto Boal e a educação profissional em saúde” (2012) escrito por Irene Leonore Goldschmidt (RJ) tem esse viés. Como sugere o título o texto pretende refletir acerca das possibilidades pedagógicas do Teatro do Oprimido como metodologia na formação de profissionais da saúde. Aqui também parece interessante refletir sobre como o teatro do oprimido, bem como o ensino de teatro, pode ser auxiliar na formação de pessoas no geral.

Também outras formas de se fazer teatro são chamadas para o campo da metodologia de sala de aula. O teatro de fantoches é a linguagem escolhida pelos autores Osmarina Maria dos Santos Dantas, André Ribeiro de Santana e Luiza Nakayama (UFPA). O texto nomeado “Teatro de fantoches na formação continuada docente em educação ambiental” (2012) fala sobre uma pesquisa com professoras de educação ambiental que experimentaram o teatro de fantoches como metodologia de ensino.

Curioso notar também que dentre essa busca vê-se muito o campo da saúde buscando nas artes novas metodologias de trabalho. O texto “Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria” (2011) traz uma metodologia de promoção de saúde que se utiliza de dois conceitos principais: o diálogo e o riso. Os autores são: Marcus Vinicius Campos Matraca, Gert Wimmer e Tania Cremonini de Araújo-Jorge (FIOCRUZ).

Voltando ao tema da formação de professores está o texto “Arte na especialização em docência universitária: contribuições para a formação de professores” (2009) da autora Martha Prata-Linhares (UNIUBE). Esse texto propõe uma metodologia de ensino-aprendizagem que traz a arte como pano de fundo, para que o objetivo de se aliar prática e teoria seja alcançado. Nesse artigo a autora traz o conceito de práxis, também utilizado nessa pesquisa.

Outro artigo que continua nessa linha é escrito por Márcia Maria Strazzacappa Hernández (UNICAMP) e é intitulado “Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores” (2012). Neste texto a professora universitária descreve sua experimentação: trazer a arte em suas mais variadas formas

efetivamente para a sala de aula. Em sua pesquisa ela conta como deu aula atuando ou poetizando.

Partindo para o terceiro eixo que elencamos está o texto “Autonomia do Cuidado: Interlocação Afetivo-Sexual com Adolescentes no PET-Saúde” (2012) escrito por Tiago Soares Baumfeld, Raphael Botelho Sá, Daniela Fernanda de Almeida Santos, Otávio Montovanelli Monteiro, Mariana Benzaquen Ferreira, Edith Márcia Valadares Silva, Mário Augusto Raymundo, Anderson Melo Queiroz e Palmira de Fátima Bonolo (UFOP). Esse texto é o relato de um trabalho feito em parceria entre universitários, estudantes de uma escola e o serviço público de saúde. O objetivo era estimular essa interdisciplinaridade com a educação formal e criar uma autonomia do cuidado entre os estudantes, utilizando Paulo Freire como base bibliográfica.

Os autores do texto “Educação e competências para o SUS: é possível pensar alternativas à(s) lógica(s) do capitalismo tardio?” (2013) trazem a problematização para o cerne do texto e buscam em Freire algumas soluções. Escrito por Rodrigo Siqueira-Batista, Andréia Patrícia Gomes, Verônica Santos Albuquerque, Felipe de Oliveira Lopes Cavalcanti e Rosângela Minardi Mitre Cotta (UFV) o texto expõe a preocupação de se investir em metodologias diferenciadas para os profissionais de saúde. Além disso, propõe uma educação voltada para o SUS e que reflita a práxis diária.

A pesquisadora Cynthia Agra de Brito Neves da Universidade Estadual de Campinas defende em seu texto de nome “Leitura poética em sala de aula: um exercício indispensável à humanização” (2009) o uso de todo tipo de literatura na educação básica, pois acredita que não se deve apenas oferecer aos jovens aquilo que lhes é ofertado pelas mídias. Utiliza-se de Freire para justificar essa escolha metodológica.

Entre os textos lidos tem ainda um que não se encaixa nos eixos, mas que traz reflexões caras às temáticas escolhidas por essa pesquisa. Intitulado “Dimensões Sócio Educativas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal: uma proposta de Intervenção” (2008) e escrito por Tânia Márcia Baraúna Teixeira (UFP) o texto descreve um projeto de pesquisa em que o objetivo é analisar a metodologia do teatro do oprimido aplicado pelo CTO do Rio de Janeiro, através do viés educacional utilizando como principal base bibliográfica a teoria de Paulo Freire.

Além desses textos utilizei como base para minha pesquisa a dissertação da professora Maria Amélia Gimmler Netto (UFPEL) chamada “Ética, boniteza e convívio teatral entre grupos e comunidades” (2010) que traz conceitos de Paulo Freire e mostra alguns exemplos de projetos sociais de grupos teatrais que oferecem oficinas para comunidades.

Uma das monografias produzidas no próprio curso de Teatro da Universidade Federal de Pelotas também foi importante para esse estudo. De nome “Teatro do Oprimido na Comunidade: á práxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas” (2011) e escrito por Célio dos Santos Soares Junior esse trabalho conta sobre as experiências desse autor no projeto de extensão “Teatro do oprimido na comunidade – TOCO”, o qual também deu suporte para a pesquisa que aqui se relata. No entanto, essa monografia traz um recorte do trabalho em duas comunidades diferentes, Z3 e Dunas. Além disso, apesar de utilizar Freire e Boal nas suas referências têm um objetivo distinto do trabalho que se pretende discorrer aqui.

Lendo esses artigos encontram-se diversos conceitos e reflexões que serão muito importantes para o desenvolvimento dessa monografia. No entanto, nota-se uma falta de pesquisas que de fato tragam a teoria freiriana para as aulas de teatro. A pesquisa que se pretende discorrer aqui questiona justamente se há “jogo nesse campo”, se há parceria entre o ensino de teatro e a teoria freiriana com um enfoque de um trabalho específico desenvolvido em uma escola periférica da cidade de Pelotas.

3.2. Metodologias teatrais

A partir dos estudos realizados nos textos destacados no sub-capítulo anterior, escolheu-se por vincular a educação problematizadora ao ensino de teatro fundamentado no teatro do oprimido e nos jogos teatrais. Tais pedagogias se baseiam no fazer teatral autônomo, no qual indivíduos a partir das suas vivências e experiências e na interação com o outro, criem sua própria trajetória artística e experiencie com seu próprio corpo essa outra forma de expressão.

Nesse sentido, a produção do conhecimento se dá através da vivência, da ação, da reflexão crítica, da curiosidade, da relação com o que se quer aprender. Na atividade de jogo teatral, o jogador é estimulado a desenvolver o seu conhecimento sobre determinado objeto, a partir das suas experiências pessoais. (SILVEIRA, 2008, p. 172).

No ensino de teatro baseado no jogo teatral cada aluno soluciona o jogo da forma que “acredita ser” a mais adequada. Por exemplo, no jogo “Ação-Narração” (SPOLIN, 2010) um dos participantes conta uma história de sua invenção, enquanto os seus colegas interpretam essa história sem palavras, apenas com o corpo, sem que alguém lhes diga como fazer isso. Por esse motivo o teatro está profundamente ligado ao ato de “ouvir a palavra do outro” que pode ser pelo uso da fala, como por outro meio.

Além disso, o teatro traz em seus conteúdos a expressão corporal, ou seja, uma forma de linguagem baseada no corpo. Tal conceito deve ser encarado como qualquer outro tipo de linguagem, pela qual todos nos expressamos. Se existe certa importância em ler e escrever para se comunicar com o mundo, aprender a expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos, com o “corpo inteiro” dever-se-ia ter o mesmo grau de relevância. A expressão corporal é mais uma forma de diálogo.

Por fim, o teatro do oprimido pressupõe em sua teoria o mesmo que a educação problematizadora: fazer com que o sujeito questione a sua realidade para, a partir dela, dizer a sua palavra, e esta deve impulsionar a transformação da realidade.

A palavra enquanto compreensão exige a transformação e torna-se indissociável da necessidade de atuação: torna-se, pois, palavração, segundo o neologismo de Paulo Freire. A partir do momento em que alguém compreende e toma consciência do seu papel no mundo, sua transformação se torna inevitável e gera, portanto, uma ação para atingir tal fim. (ROSSATO, 2010, p. 325-326).

O teatro do oprimido busca trazer a realidade para a cena, fazendo com que esta seja questionada e transformada. Tal metodologia traz em seu arsenal um apanhado de técnicas de teatro que tem em seu cerne o objetivo de questionar o mundo. Dar o espaço para que as crianças digam sua palavra através da ação

teatral é como se fosse um ensaio para a realidade. Na explicação sobre o teatro fórum², uma das técnicas do teatro do oprimido, Augusto Boal diz:

Os espect-atores³, pondo em cena suas idéias, exercitam-se para a ação na *vida real*; e atores e platéia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis conseqüências das suas ações. Ficam conhecendo o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias dos oprimidos. O fórum é um jogo, é lúdico – uma maneira rica de aprendermos uns com os outros. (BOAL, 2006, p. 32.)

Através da brincadeira do teatro do oprimido os alunos podem se colocar no lugar do oprimido e identificar quais ações poderia tomar. O teatro do oprimido vem para proporcionar a consciência necessária para enfrentar a realidade e a partir disso refletir e agir sobre ela.

3.3. Teoria freiriana

Faz-se necessário expor aqui algumas definições do conceito de educação problematizadora segundo os estudos freirianos. Dessa forma, busca-se o livro “Dicionário de Paulo Freire” (2010) para explicar os princípios dessa pedagogia, além das obras do próprio Freire, como por exemplo, “Pedagogia do Oprimido” (1987), “Pedagogia da autonomia” (1996) e “Conscientização” (1979).

Sendo assim, encontra-se primeiramente a vinculação da educação com o meio que está inserido. É dizer que a escola e as práticas que ali se fazem não estão dissociadas da história e da sociedade em que estão colocadas.

Tanto Freire quanto Gadotti provaram sobejamente que o ato pedagógico, essencialmente um ato político, se desenvolve num momento histórico datado, situado, perpassado por interesses de classe, portanto não desconexos, desinteressados e neutros. (SARTORI, 2010, p.135).

² Essa técnica será apresentada mais detalhadamente no próximo capítulo.

³ Para Boal espectador e ator são papéis que se mesclam, pois no teatro do oprimido por vezes o espectador entra em cena e o ator observa. “[...] todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect-atores.” (BOAL, 2006, p.IX).

Desse modo, o educador que tem esse conceito como chave deve ter claro que quando está educando está sim exercendo política. Isso porque nenhum ato dentro de sala de aula é neutro. O professor faz escolhas o tempo todo, seja com o conteúdo ou a metodologia. E fazer política, nada mais é que fazer escolhas.

É necessário ressaltar a importância da contextualização na problematização, pois toda vez que problematizamos olhamos para todos os lados do objeto cognoscível. Assim como todos somos sujeitos históricos, também o conhecimento é histórico e social.

A problematização torna o conhecimento social e histórico, pois, ao problematizar, o ser humano faz com que comece a perceber que ele só se realiza ligado a uma prática social e sempre vinculado à produção material da vida. A problematização é uma forma de conhecer e de situar-se no mundo, que implica, antes de tudo, a intervenção sobre a realidade e a produção de um sujeito crítico e politizado. (MÜHL, 2010, p.328)

A partir então da problematização podemos chegar à ação, pois a isso se destina essa pedagogia. De nenhuma forma busca-se esses questionamentos para nos depararmos com a realidade social e apenas tomarmos consciência. A educação problematizadora objetiva a conscientização.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. (FREIRE, 1979, p. 81).

Sendo assim, a educação não pode jamais se estagnar. O duvidar, problematizar e ressignificar devem sempre estar presentes no ato pedagógico. Para que a partir dessas reflexões tomemos uma atitude.

Dessa maneira, o ensino de teatro do oprimido ligado à educação problematizadora tem uma grande afinidade. Ao passo que o teatro traz ao corpo do aluno esses questionamentos e vivências. Assim sendo, prática e teoria tornam-se vivas dentro de sala de aula.

4. A prática em sala de aula na Colônia Z3

4.1. Metodologia de pesquisa

A metodologia da pesquisa foi baseada na Pesquisa-Ação, pois estive inserida todo o tempo da pesquisa prática em sala de aula e ministrei as aulas que analisei. Além disso, escolhi essa metodologia, devido seu caráter prático e reflexivo. É dizer que ao mesmo tempo em que se está teorizando se está praticando, fazendo assim a práxis¹ diária.

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os investigadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas têm algo a 'dizer' e a 'fazer'. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 1992, p. 16).

De acordo com essa concepção metodológica é necessário estar inserido no campo de pesquisa, pois também se está alterando o meio. Da mesma forma, é preciso destacar a importância da teoria, pois não é somente de prática que se faz a pesquisa-ação. Não existe maneira de se fazer uma prática relevante sem antes contextualizar teoricamente tudo que envolve a prática (THIOLLENT, 1992).

Além disso, a princípio meu desejo era utilizar "diários de bordo" escritos semanalmente pelos alunos para poder utilizá-los na análise dos dados. Porém, é necessário frisar que esses alunos têm uma defasagem muito grande de aprendizagem quanto a leitura e escrita chegando a sentir vergonha e raiva quando precisam fazê-lo. Infelizmente, não tive tempo de trabalhar esses sentimentos com eles e por isso optei por abrir mão desses relatórios para não constrangê-los.

¹ "Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora. [...] É uma síntese entre teoria-palavra e ação." (ROSSATO, 2010, p. 325)

Para analisar os fatos alheios ao momento da sala de aula utilizei entrevistas semi-estruturadas em que os sujeitos falassem sobre a necessidade do ensino de teatro e da abordagem metodológica que apontamos. Isso se deu com a gestão da escola e com os alunos que ministrei as aulas, no entanto nenhum dos nomes será revelado para preservar a identidade dos sujeitos.

Para a entrevista dos alunos me baseei na teoria dos grupos focais,¹ pois preferi conversar com todos de uma só vez. Essa metodologia auxiliou não somente a perceber os consensos do grupo, mas principalmente as opiniões divergentes através das argumentações, o que tornou o trabalho mais aprofundado.

As entrevistas foram de grande relevância para esse trabalho, pois acredito que a gestão e os alunos podem avaliar as aulas de teatro de diferentes modos. A partir da reflexão de cada uma dessas entrevistas pôde-se fazer um diagnóstico do trabalho quanto à sua metodologia e importância.

Além disso, frisei a importância da coerência entre a prática com a teoria que estudo. Pois, uma vez que esse trabalho é sobre a educação problematizadora de Paulo Freire é necessário que categorias como o diálogo e a problematização reflitam na minha postura enquanto profissional.

Foi essencial essa pesquisa acontecer com meu total envolvimento com os estudantes nas aulas de Arte, pois somente assim conseguiu-se analisar a metodologia e a resposta à ela. É objetivo desse estudo traçar alguns aspectos teórico-metodológicos sobre o ensino problematizador em teatro e para isso é preciso tentar desenhar esse caminho.

4.2. O dia-a-dia da sala de aula

O início do trabalho se deu escrevendo um plano de ensino onde o principal objetivo a se atingir pelos alunos era “Apropriar-se de elementos básicos da

¹ “[...] grupos focais que consistem em reuniões com um pequeno número de interlocutores (seis a doze). A técnica exige a presença de um animador e de um relator.” (MINAYO, 2007, p. 68). Nessa pesquisa não utilizou-se o relator, pois a entrevista foi gravada.

linguagem teatral através da ideologia do teatro do oprimido” (conforme Apêndice A). Esse planejamento inicial foi importante não só como instrumento de organização, mas como exemplo de comprometimento, necessário para se firmar o compromisso com a escola. Segundo a gestão da escola, quando perguntada sobre os motivos por ter aceitado o trabalho respondeu que o principal deles era o planejamento que já estava pronto: “Por causa da tua postura profissional é que eu abri essa brecha e porque o professor de Artes disse que dentro da disciplina dele tu poderias trabalhar.” (informação verbal).²

Partindo então desse planejamento separei os três meses que iria trabalhar com as crianças em três fases principais para alcançar meu objetivo: expressão corporal; improvisação; e teatro do oprimido. Isso porque eu acreditava que os alunos poderiam aproveitar melhor as técnicas do oprimido se já conhecessem o que considero elementos básicos para o aprendizado da linguagem teatral.

No primeiro mês a resposta foi muito positiva dos alunos. A maioria deles participava de todos os jogos e se arriscavam bastante nos exercícios em que era necessária expressão maior. Nessa fase utilizei muitos jogos e brincadeiras, para que eles se sentissem mais confiantes para explorar seu corpo.

Nota-se na entrevista que essa parte foi, de fato, a que eles mais gostaram. Quando foram perguntados sobre o que mais gostavam nas aulas de teatro a primeira coisa que todos falaram em uníssono “BRINCADEIRAS”. Isso não quer dizer que nas outras aulas não utilizei jogos e brincadeiras, mas nessas o foco era mais abrangente, pelo fato de buscar a libertação do corpo.

Na segunda fase levei um vídeo que fizesse a ligação entre a expressão corporal e a improvisação. O vídeo que escolhi foi “*La fame dello zanni*”³ feito pelo ator italiano Dario Fo, no qual ele desenvolve uma cena de um empregado que tem muita fome e cozinha tudo que vê pela frente. Nessa cena ele só utiliza a expressão corporal, nenhum objeto cênico ou figurino e mesmo assim entendia-se perfeitamente.

² Entrevista concedida pela gestão da escola no dia onze de dezembro de 2013. A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo A.

³ O vídeo pode ser encontrado no endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=sCm9IApf1rA>>.

Chamei atenção das crianças para esse fato, pois normalmente quem começa a fazer improvisações tem a necessidade de utilizar objetos ou figurinos que “expliquem” a cena. Mostrei a eles que não eram necessárias grandes produções plásticas para se fazer entender. No momento seguinte quando foram fazer a improvisação vários deles lembraram a referência do vídeo e inclusive repreendiam os colegas que queriam utilizar objetos.

Acredito que essa experiência foi muito rica para aprendizagem deles. Apesar de alguns terem grandes dificuldades para compreender a diferença entre contar uma história e encená-la. Conversar sobre isso no final da aula foi muito importante para que eles aprendessem tentando. Na entrevista, alguns deles comentaram sobre a dificuldade que tiveram em fazer as improvisações.

Já nas últimas aulas resolvi começar com a temática do teatro do oprimido. A primeira aula que fiz sobre isso levei uns dicionários para que eles entendessem o que é “opressor”, “oprimido” e “opressão”. Na entrevista, quando perguntei sobre essa aula a maioria disse que foi chata, então perguntei o porquê e um deles comentou: “É que tinha que ficar lendo.” (informação verbal).⁴ Foi nessa aula que notei a dificuldade que alguns tinham com a leitura. Muitos tinham vergonha e inclusive ficavam bravos se eu os pedisse para ler. Mesmo assim, ao final da aula todos tinham uma ideia do que era uma opressão e pedi que escrevessem um relato sobre o que acreditavam ser uma situação de opressão para eu ler. No entanto, não pude usar as histórias, pois me fizeram prometer que não as mostraria.

Na segunda aula levei a técnica do teatro imagem, a qual consiste em criar três imagens a partir de um relato de uma opressão. A primeira imagem é o retrato da opressão, ou seja, uma imagem estática que mostra o opressor, o oprimido e a relação entre eles. A segunda é a imagem ideal, a que gostaríamos que fosse verdade no lugar da primeira. E por último a imagem de transição é a que demonstra como chegar da imagem de opressão para a imagem ideal, o momento entre elas. Foi difícil para eles compreenderem a diferença entre as três, mas nota-se que tiveram um grande avanço se comparado com a aula prática anterior, pois

⁴ Entrevista concedida voluntariamente por um grupo de 12 alunos da série em que lecionei no dia onze de dezembro de 2013. A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo B.

entenderam que ali era para encenar e não para contar a história, principalmente por utilizar “ações estáticas”, ou seja, sem falas e movimentos.

Na última aula resolvi fazer um teatro fórum. Essa é a técnica mais conhecida do teatro do oprimido. Trata-se de uma cena, com início, meio e fim, que mostra uma opressão. Geralmente, se pede para que a plateia entre no lugar dos atores e tentem resolver a opressão, mas achei que seria interessante misturar as técnicas do teatro imagem com o teatro fórum. Sendo assim, estimulei os alunos para que fizessem uma cena ideal e uma cena de transição. Entre as cenas fizemos um debate sobre como deveria ser a próxima cena, no qual todos participaram.

Improvizamos duas cenas: uma sobre um negro que não conseguia emprego por sua cor e outra de um trabalhador da terra que pegava um ônibus onde as pessoas se afastavam dele com nojo. As duas narrativas não aconteceram integralmente na Z3, mas me baseei em outras muito parecidas, pois prometi que não iria expor as histórias pessoais deles.

Nas duas cenas houve um debate aprofundado com uma reflexão sobre se colocar no lugar do outro. Na entrevista quando perguntei sobre porque eles gostaram de fazer essas cenas uma das alunas comentou: “É que antes a gente achava que falou e ficava desse jeito. Tipo, se ele fala do outro e o outro fica num canto a gente achava que não foi nada, mas agora a gente pensa antes de falar porque pode magoar.” (informação verbal). Através desse comentário nota-se que os alunos tentaram trazer essa reflexão para o dia-a-dia deles mesmo.

Nessa última aula, a história foi integralmente encenada, quero dizer, sem partes faladas, como uma contação de histórias. Além disso, alternei essas aulas com exercícios de aquecimento que objetivassem o contato entre os alunos, pois no início todos eram muito críticos com os colegas, sempre apontando os erros dos outros. Após esses exercícios notou-se uma diferença no convívio entre eles, afinal estão mais unidos. Em entrevista eles mesmos fizeram esse comentário:

Eu – E aqueles exercícios de fazer a cena do opressor, de fazer a cena do ônibus, do cara do emprego. O que vocês acharam?

Aluna 3 – Ah aquele foi muito legal.

Eu – E por que foi muito legal? Por que foi legal essa e a outra [aula com dicionários] não?

Aluna 2 – É porque ali a gente fez a realidade. As cenas eram cenas de verdade.

Aluno 2 – Ah e porque aquilo era errado e tinha que fazer diferente.

Aluna 1 – Foi legal porque todo mundo fez junto. É difícil a gente se juntar pra fazer as coisas.

[...]

Eu – E vocês acham que as aulas ajudaram em alguma coisa? De repente no corpo de vocês ou no relacionamento com as pessoas.

Aluna 1 – Ah, está diferente sim. Na turma.

Eu – Vocês acham que a turma está diferente depois dessas aulas?

Aluna 2 – Antes a gente não era tão unido.

Aluna 3 – A gente só se reunia pra comer (risos). (informação verbal).

Além disso, nos trechos da entrevista (acima) também notei que os alunos se interessaram bastante pela aula do teatro do oprimido por se tratar de fatos reais. Fazer brincadeiras e improvisar sobre situações aleatórias lhes parece divertido, mas quando se trata da realidade existe algo a mais que os empolga a atuar. Quando Boal explica sobre a técnica do teatro-debate ele fala sobre esse estímulo que é atuar sobre a realidade.

[...] O *teatro-debate* e estas outras formas de teatro popular, em vez de tirar algo do espectador, pelo contrário, infundem no espectador o desejo de praticar na realidade o ato ensaiado no teatro. A prática destas formas teatrais cria uma espécie de insatisfação que necessita complementar-se através da ação real. (BOAL, 2011, p. 215).

Era justamente nisso que Boal apostava, pois acreditava que “o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo” (BOAL, 2011, p.19). Dessa forma, o autor demonstra uma preocupação com o objetivo da atividade teatral que precisa dialogar com a realidade.

Houve alguns momentos em que os alunos apresentavam certa resistência em fazer os exercícios, porém sempre conversei com eles no sentido de primeiro fazer e depois dizer se gostou ou não. Na entrevista a primeira coisa que disseram que não gostaram foi justamente essa imposição de primeiro fazer, mesmo que achasse chato. Em geral, eles gostavam depois que faziam, mas não gostavam quando eu pedia que fizessem, quando não queriam sem conhecer. Acredito que essa também é uma atitude freiriana, pois como disse a direção da escola em entrevista “Paulo Freire não disse que a aula tinha que ser uma bagunça.” (informação verbal). A educação problematizadora faz com que os alunos saiam da sua zona de conforto para repensar a realidade em que vivem.

Além disso, a direção teceu outros comentários sobre a teoria de Paulo Freire:

Até mesmo na alfabetização tem professores que não tem o compromisso e aí tu chega lá “Ah to trabalhando Paulo Freire”, mas Paulo Freire não disse que a aula tinha que ser uma bagunça, porque os alunos cada um fazendo uma coisa ninguém acaba aprendendo nada. Ele dizia que tu tinhas que usar um método que agradasse o aluno, não é isso que ele disse? Que o professor tem que chegar ao aluno, mas ele não disse pra fazer da aula uma bagunça. (informação verbal).

De fato, a professora tem razão quando fala da diferenciação entre liberdade e licenciosidade. Paulo Freire aposta na liberdade e no poder de escolha que ela oferece ao jovem. No entanto, o autor fala sobre limites, pois de nada vale a liberdade pura e simplesmente sem um objetivo a que se deve alcançar. A “peneira” que delimita a liberdade é chamada ética.

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. (FREIRE, 1996, p. 118).

Existe uma linha tênue entre dar liberdade ao educando e deixar ele fazer o que quiser. Como foi dito anteriormente, faz parte da educação problematizadora fazer exigências e pedir comprometimento dos alunos com o conhecimento ali desenvolvido.

No encontro com os estudantes perguntei a eles se eles achavam que a minha postura de professora era diferente da que eles estão acostumados. A princípio um aluno disse que era igual, mas logo em seguida os colegas discordaram e disseram que as minhas aulas eram diferentes porque eu fazia com eles e sabia explicar. Isso se assemelha a uma das exigências de Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da autonomia”.

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 1996, p. 127-128).

Dessa forma, escutando aos alunos é possível buscar maneiras de se fazer entender. Não se pode chegar ao educando e dizer uma verdade absoluta e cristalizada, pois o que parece claro ao professor nem sempre o é ao aluno. É preciso entender a realidade do educando, para a partir disso criar diversas maneiras de compartilhar o conhecimento.

Além disso, foquei a entrevista também sobre o papel do teatro na escola. Conversando com a direção perguntei se ela achava que o teatro poderia ir para as disciplinas obrigatórias e ela disse: “Eu acho que dentro da Arte, sabe, porque ela é atualmente Artes Visuais então se trabalha a pintura, a escultura. Eu acho que poderia ter numa determinada idade. Outra parte de teatro, dentro da disciplina de artes.” (informação verbal). Isso demonstra que a gestão da escola realmente acredita no potencial do ensino de teatro e através desse trabalho visualizou uma abertura dentro do currículo tradicional.

Além dela os alunos também comentaram na nossa conversa sobre a importância do fazer teatral. Perguntei a eles sobre a diferença entre a aula de teatro e as outras aulas e vários disseram que a maior característica das minhas aulas eram as brincadeiras. Porém, questionei-os para saber se os jogos eram necessários ou não e a resposta que obtive foi “É que a brincadeira é importante também, para mexer com o corpo” (informação verbal). Isso evidencia o fato dos educandos entenderem que aquelas aulas não eram apenas brincadeiras, mas tinham um objetivo e uma importância para o crescimento deles.

Com isso, pode-se perceber diversas contribuições que a parceria entre a educação problematizadora e o ensino de teatro resultaram. Para além do saber sensível⁵ e da consciência corporal provinda do trabalho teatral, os alunos puderam refletir sobre a realidade em que vivem e assim começar a pensar em possíveis ações de intervenção no mundo.

⁵ Saber sensível consiste no modo como nosso corpo conhece ao mundo. A expressão tem relação com os cinco sentidos que o ser humano possui, pois apreciamos o mundo com o corpo. Esse conceito se difere do conhecimento inteligível, o qual visa a percepção do mundo pela racionalidade. Duarte Junior (2006) ao explicar o conceito diz que atualmente o conhecimento inteligível tem sido muito explorado, enquanto que o saber sensível é colocado de lado.

5. Considerações finais

Com essa pesquisa baseada nas minhas próprias experiências na Z3 e com os estudos que fiz pode-se delinear algumas das contribuições que a educação problematizadora oferece ao ser aplicada nas aulas de teatro. É importante o leitor estar esclarecido de que quando me refiro à educação problematizadora, falo da minha prática, pois sendo essa forma de pensar a educação uma teoria concebida a partir da reflexão de Freire e tantos outros teóricos que o “seguiram” sobre suas experiências, acredito que só poderia pesquisá-la se a tomasse como possibilidade de minha experiência.

Sendo assim, parto do pressuposto de que o teatro auxilia na libertação da expressão e no saber sensível, porém quando vinculado a uma prática freiriana ganha um sentido a mais que tem relação com o conhecimento de mundo. Esses alunos não estão pensando apenas no que eles presenciam, mas no que o pequeno mundo que os rodeia vivencia. Em entrevista quando perguntei se acreditavam que aquelas cenas poderiam ser verdade uma aluna me responde: “Não aconteceu com nós, mas acontece com outras pessoas” (informação verbal).

Esse estudo, além de responder aos objetivos iniciais, proporcionou a mim uma experiência muito grande, pois somente exercendo o teatro do oprimido é que pude aprender mais sobre o mesmo. No livro “Jogos para atores e não-atores” (2006) de Augusto Boal descrevendo as regras do teatro fórum o autor diz que não se pode tentar resolver a opressão apenas conversando sobre ela, é preciso vivenciá-la e enfrentá-la, para encontrar a solução. O teatro do oprimido, segundo o autor, não é a revolução, mas sim um ensaio para ela.

A educação é um processo lento e contínuo e por isso as conclusões aqui não são muito tangíveis e bem delineadas. No entanto, com esse estudo tem-se a certeza de que o trabalho fez a diferença naquele lugar e deixou rastros que ficarão marcados nos sujeitos envolvidos.

Mesmo assim, o trabalho do professor de teatro deve sempre ser contínuo, para que de semente em semente se vá colhendo os frutos das experiências que se fazem. O teatro é uma arte efêmera, porém deixa vestígios em quem o pratica.

Essa pesquisa é um produto de todos os quatro anos que passei estudando teatro e educação. Como disse no início, esse estudo começou em 2010. E digo isso não somente por esse ser um trabalho de conclusão desse curso, mas por cada degrau desses quatro anos terem contribuído para chegar a essas conclusões.

O estudo sobre as relações de Paulo Freire com o ensino de teatro não se findam nesse trabalho, pelo contrário, a intenção é que este sirva como impulso para muitos outros que poderão ser elaborados a partir dessa temática.

Referências

- ALMEIDA JUNIOR, José Simões. **Estrutura e premissas da proposta do projeto pedagógico elaborado para a criação da SP ESCOLA DE TEATRO**. Anais da VI Reunião Científica (ABRACE), 2011. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/memoria/vireuniaopedagogia.htm>> Acesso em 25/07/2013.
- BAUMFELD, Tiago Soares et al. Autonomia do cuidado: interlocução afetivo-sexual com adolescentes no PET-Saúde. **Revista brasileira de educação médica**. v. 36, p. 71-80, 2012.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- _____. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article/> Acesso em 08 Abr. de 2013.
- CAMPOS, Vilma. **O teatro e o projeto integrado de prática educativa na Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**. Anais da IV Reunião Científica (ABRACE), 2007. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/O%20teatro%20e%20o%20projeto%20integrado%20de%20pratica%20educativa%20na%20UFU%20-%20Vilma%20Campos.pdf>> Acesso em 25/07/2013.
- CANDA, Cilene Nascimento. **A estética política do teatro do oprimido: uma metodologia de formação docente?**. Anai da V Reunião Científica (ABRACE), 2009. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vreuniao/textos/pedagogia/Cilene_Nascimento_Canda_-_A_estetica_politica_do_teatro_do_oprimido.pdf> Acesso em 25/07/2013.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma arte geográfica no ensino. **Ra'e Ga** (UFPR). p. 97, 2010.
- DANTAS, Osmarina Maria dos Santos; SANTANA, André Ribeiro de; NAKAYAMA, Luiza. Teatro de fantoches na formação continuada docente em educação ambiental. **Educação e Pesquisa**. v. 38, p. 711-726, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**. A educação (do) sensível. 4.ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FERNANDES, Angela Maria Dias; JOCA, Emanuella Cajado. O 18 de maio como espaço de investigação e formação. **Psicologia Social**. v. 23, p. 170-176, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer – Teoria e Prática em Educação Popular**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GOLDSCHMIDT, Irene Leonore. O teatro de Augusto Boal e a educação profissional em saúde. **Trabalho educação e saúde**. v. 10, p. 61-69, 2012.

GOMES, Andreia Patrícia *et al.* Educação e competências para o SUS: e possível pensar alternativas a(s) lógica(s) do capitalismo tardio?. **Ciência e saúde coletiva**. v. 18, p. 159, 2013.

HERNÁNDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. **Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores**. Anais da 35ª Reunião Anual (ANPED), 2012.

Disponível em:

<http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-1335_int.pdf> Acesso em 25/07/2013.

MATRACA, Marcus Vinicius Campos *et al.* Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência e saúde coletiva**. v. 16, p. 4127, 2011.

MORAES, Ana Cristina de. **O corpo-educador do artista-pedagogo e político na intenção de uma educação estética**. Anais da 35ª Reunião Anual (ANPED), 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-2288_int.pdf> Acesso em 25/07/2013.

MÜHL, Eldon Henrique. PROBLEMATIZAÇÃO. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **Leitura poética em sala de aula: um exercício indispensável à humanização**. Anais da 32ª Reunião Anual (ANPED), 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT24-5535--Int.pdf>> Acesso em 25/07/2013.

NETTO, Maria Amélia Gimmler. Ética, boniteza e convívio teatral entre grupos e comunidades. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Pistas para pesquisa de uma comunidade como base para um trabalho teatral**. Anais da VI Reunião Científica (ABRACE), 2011. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/memoria/vireuniaopedagogia.htm>> Acesso em 25/07/2013.

_____. **Tentando definir o teatro na comunidade**. Anais da IV Reunião Científica (ABRACE), 2007. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Tentando%20definir%20o%20Teatro%20na%20Comunidade%20-%20Marcia%20Pompeo%20Nogueira.pdf>> Acesso em: 25/07/2013.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PRATA-LINHARES, Martha. **Arte na especialização em docência universitária: contribuições para a formação de professores**. Anais da 32ª Reunião Anual (ANPED), 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT24-5875--Int.pdf>> Acesso em 25/07/2013.

ROSSATO, Ricardo. PRÁXIS. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SARTORI, Jerônimo. EDUCAÇÃO BANCÁRIA/ EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Márcia Barbosa da. Criança, escola e TV: parcerias nas leituras de mundo. **Comunicar** (Huelva). v. 16, p. 325, 2008.

SILVEIRA, Fabiane Tejada da. **A práxis teatral de uma espect-atriz/professora em construção**. Anais do VII Congresso (ABRACE), 2012. Disponível em: <<http://portalabrace.org/memoria/viicongressopedagogia.htm>> Acesso em 25/07/2013.

_____. **O jogo teatral na escola: uma reflexão sobre a construção de sujeitos históricos**. Pelotas: Universitária UFPEL, 2008.

SOARES JUNIOR, Célio dos Santos. **Teatro do Oprimido na Comunidade** : a práxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas. 2011. 52 f. Monografia (Graduação em Teatro Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TEIXEIRA, Tania Marcia Barauna. Dimensoes socio educativas do teatro do oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal. **Teoría de la educación**. v. 20, p. 319, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

Apêndices

Apêndice A – Plano de Ensino
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA
PROJETO DE EXTENSÃO
TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE
PLANO DE ENSINO

TEATRO DO OPRIMIDO NA Z3

Discentes:
Graziele Soares de Barros

Orientação:
Fabiane Tejada da Silveira
Vilson Rebello Junior

Pelotas, 01 de abril de 2013.

SUMÁRIO

1.	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	44
2.	APRESENTAÇÃO DO PROJETO.....	44
3.	OBJETIVOS	45
	3.1 Geral.....	45
	3.2 Específicos	46
4.	CONTEÚDOS	46
5.	DESENVOLVIMENTO DA AULA	46
6.	RECURSOS	47
7.	AVALIAÇÃO	47
8.	CRONOGRAMA.....	47
9.	REFERÊNCIAS.....	48

Dados de identificação

Discente: Grazielle Soares de Barros.

Local: Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque

Endereço: Rua Rafael Brusque, 61 – Colônia Z3 – Pelotas/RS.

Telefone: (53) 3226-0144.

Turma: 6º ano

Carga horária: 30h/aula.

Dia da semana/horário: Quarta-feira

Número de alunos:

Média de idade: 11 anos.

Professor titular da turma: Vilson Rebello Junior

Professora orientadora: Fabiane Tejada da Silveira

Apresentação do Projeto

A escola é o principal lugar onde as crianças adquirem conhecimentos para se tornarem cidadãos do mundo. O Teatro é uma arte que influencia em diversas linguagens da criança, desde vocal e corporal até plástica e sensorial. Uma criança que tem lições teatrais desde pequena provavelmente se tornará um adulto com mais possibilidades de se expressar.

O teatro promovendo o desenvolvimento da expressividade do sujeito, também potencializa suas possibilidades de interação humana. Outra influência importante é a de humanizar. A função de humanização do teatro é um dos motivos principais para se educar. Não educamos apenas para formar indivíduos competentes para o mercado de trabalho, mas sujeitos responsáveis pela manutenção e melhoria do seu meio ambiente. Sujeitos queensem o mundo em que vivem e o transformem: “Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (FREIRE, 1996, p.77). Entendemos o meio ambiente em toda a sua dimensão, tudo aquilo que se vê e toca, tudo aquilo que nos chega ao sentido é nosso meio ambiente, é preciso sentir e agir nesse mundo, nesse meio.

Ao analisar os objetivos do ensino fundamental elencados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998) chega-se a conclusão que o ensino de teatro calcado, principalmente, na teoria do teatro do oprimido e na teoria freireana atinge tais objetivos com êxito. Dentre eles os que primeiramente se alcança são aqueles que se referem ao cuidado com o corpo e às diferentes linguagens que devem ser aprendidas. Mesmo assim, além desses, objetivos que se referem à cidadania, ao pensamento crítico, aos questionamentos sobre a realidade e ao ser transformador da realidade serão contemplados de acordo com a ideologia que tal conteúdo será calcado.

Para aproximar o ensino de teatro com o que se espera da educação básica, segundo o PCN do ensino fundamental, trazemos como referencial principal desse plano de ensino Paulo Freire. Em nossa prática pretende-se trazer elementos da educação libertadora idealizada pelo autor. Tal teoria propõe uma educação baseado no conhecimento do sujeito de seu inacabamento e de sua historicidade para, através de tal concepção, refletir sobre sua condição social. Além disso, essa teoria prevê não apenas um exercício, mas também prática de ação sobre a realidade.

Nesse ponto, se torna preciso que utilizemos para tal plano de ensino também o ensino do teatro do oprimido de Augusto Boal como base. A ideologia do teatro do oprimido, tal qual a educação freireana, busca a libertação dos oprimidos por meio de sua própria ação. Freire busca a revolução, e o teatro do oprimido é o ensaio para ela, segundo Boal. É natural que para buscar essa práxis com os alunos utilizemos dessas teorias que tanto têm em comum e que têm como meta gerar o “agente transformador do ambiente” (PCN, 1998, p. 55).

Objetivos

Geral

- Apropriar-se de elementos básicos da linguagem teatral através da ideologia do teatro do oprimido.

Específicos

- Improvisar a partir do teatro do oprimido;
- Relacionar sua vivência com a cena;
- Refletir sobre seu papel social através de improvisações;
- Aprender sobre os elementos que constituem a cena;
- Reconhecer-se como parte de um grupo;
- Exercitar o companheirismo;
- Refletir sobre sua linguagem corporal;
- Estudar os desdobramentos de sua voz;
- Adquirir consciência de si no espaço em que vive, em que estuda etc;
- Experimentar improvisações teatrais;
- Desenvolver o pensamento criativo através da repetição;
- Distinguir o corpo anatomicamente e em movimento.

Conteúdos

- Teatro do oprimido;
- Jogos teatrais;
- Expressão corporal;
- Expressão vocal;
- Improvisação;
- Plasticidade do movimento.

Desenvolvimento da aula

As aulas contarão com jogos de aquecimento e concentração, bem como exercícios vocais e corporais, para que as crianças comecem a se adaptar ao sentimento de grupo e à linguagem teatral. Tais atividades poderão ser jogos de regra tradicionais, ou ainda, jogos com música. O importante é dar a sensação de que todos pertencem ao mesmo núcleo.

Depois desse momento iniciaremos um trabalho de improvisação a partir da realidade do educando. Elementos comuns do cotidiano delas serão estímulos improvisacionais, além de objetos que os educandos poderão trazer de suas casas. Esse será um momento de reflexão a partir da ação, mesmo que essa ação se pareça com uma simples brincadeira. Para esta etapa utilizaremos também de contação de histórias, tanto pelas crianças quanto pelos ministrantes, pois o ato de contar a sua história é muito relevante para o andamento do plano de ensino.

Ao final da aula faremos uma retomada com um exercício de desaquecimento e relaxamento, para que cada aula fique na memória deles como algo que trabalharam contextualizados com sua vivência. Para este momento poderemos utilizar de músicas e atividades menos corporais, mas o importante é que cada aluno faça um pequeno relato sobre a aula ou sobre algo que a aula remeteu.

Recursos

Para o desenvolvimento das atividades nós usaremos como recurso poucos materiais. Basicamente uma sala de aula sem carteiras para os exercícios corporais e improvisações. Além disso, utilizaremos de papel e lápis e, eventualmente, algum livro que o ministrante deverá levar.

Avaliação

A avaliação se dará de maneira processual, pois cada aula será uma parte do todo, onde os alunos podem adquirir conhecimentos de forma contínua. Os educadores estarão em constante observação para esse diagnóstico final, além da utilização do momento final da aula para avaliação dos educandos por eles mesmos. Além disso, pretende-se gravar áudio de todas as aulas para posteriores relatórios por parte dos ministrantes.

Cronograma

<i>Dia</i>	<i>Conteúdo</i>	<i>Objetivo Geral</i>
------------	-----------------	-----------------------

03/04	Expressividade	- Trabalhar elementos de expressividade corporal.
10/04	Expressividade	- Explorar a expressividade corporal através da repetição.
17/04	Expressividade	- Utilizar-se do aparelho vocal para expressão corporal.
24/04	Expressividade	- Experimentar as possibilidades vocais juntamente com o corpo.
08/05	Improvisação	- Conhecer os elementos básicos que compõe uma cena.
15/05	Improvisação	- Criar cenas a partir de estímulos (frases, objetos...).
22/05	Improvisação	- Usar pequenos textos como estímulo para improvisação.
29/05	Improvisação	- Desenvolver uma cena a partir de uma narrativa própria.
05/06	Teatro do Oprimido	- Conhecer os princípios do teatro do oprimido e a técnica do teatro imagem.
12/06	Teatro do Oprimido	- Experimentar o teatro imagem.
19/06	Teatro do Oprimido	- Criar narrativas e cenas a partir de situações reais de opressão.
26/06	Teatro do Oprimido	- Elaborar pequena cena de teatro do invisível a ser escolhida pelos alunos que poderá ou não ser apresentada no intervalo.
03/07	Teatro do Oprimido	- Refletir sobre a cena da aula passada de acordo com a técnica do teatro-fórum.
10/07	Teatro do Oprimido	- Preparar cenas que podem se tornar bons fóruns.
17/07	Teatro do Oprimido	- Fazer um teatro-fórum dentro da sala para os próprios alunos.

Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 55-56.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Anexos

Anexo A – Entrevista com a Direção da escola no dia 11-12-2013

Eu – Queria que você falasse sobre as aulas de teatro, sobre a importância. Se você acha que elas são importantes, se sim, se não e o por quê.

Direção – Sim, elas são importantes. No Mais-Educação ou nas aulas de Artes?

Eu – No currículo, no horário das aulas do professor de artes.

Direção – Porque eu acho que elas são importantes, não sei se você vai querer colocar isso no papel, mas aqueles alunos que são mais quietos é o momento que eles se soltam, que eles começam a se integrar mais com os outros, no teatro, naquelas atividades daquelas aulas que eu observei que você fazia com o professores de artes eu achei que eles ficavam bem mais soltos, participando, que muitas vezes se é na sala de aula ali sentadinho os que são mais, esses extrovertidos é que participam e os mais quietinhos não. Então ele faz o aluno se integrar mais com a turma.

Eu – E o que tu achou do que tu viu, do que tu ouviu o pessoal comentando, da metodologia que eu usei em aula. Você ouviu os professores ou os alunos falando alguma coisa?

Direção – Eu conversei com os alunos que participaram e eles gostaram bastante da metodologia. Através da brincadeira faziam o teatro. Engraçado, quando tu vieste com teu colega vocês usaram o mesmo método e não deu certo. Que coisa estranha. E ali com eles na sala de aula funcionou bem. Talvez a faixa etária de idade, alguma coisa que eu não soube na hora de fazer o convite da outra vez.

Eu – Pode ser. E tu achas que o teatro poderia ou deveria ir pro currículo das disciplinas ou tu acha que não, que é uma coisa secundária que pode ficar no horário inverso.

Direção – Eu acho que dentro da Arte, sabe, porque ela é atualmente Artes Visuais então se trabalha a pintura, a escultura. Eu acho que poderia ter numa determinada idade. Outra parte de teatro, dentro da disciplina de artes. Não sei, adolescência é tão difícil a gente trabalhar com eles. Se talvez fosse uma parte, até mesmo como a prevenção das drogas que a gente tem bastante aqui. É uma coisa para o aluno estar entretido, pensando em outras coisas. Quando ele ta indo para o teatro, mesmo que não esteja decorando, porque o seu não fica decorando o lobo mau, a

chapeuzinho e tudo mais, mas ele fica pensando o que ele vai fazer. Ele já está pensando coisas boas ao invés de estar indo para um caminho que não é tão bom.

Eu – E eles comentaram alguma coisa ou alguém comentou alguma coisa sobre ta fazendo o teatro do oprimido? Eu fiz com eles algumas cenas: uma era um problema no ônibus de uma pessoa trabalhadora que chegava com odor mais forte, as pessoas não gostavam de sentar perto. E a outra foi uma cena que a gente fez de uma entrevista de emprego que o negro não conseguia emprego por ser negro. E eles comentaram alguma coisa?

Direção – Não, nenhuma das duas, não comentaram nada não. Quando perguntei se eles gostaram, quando perguntei o que eles estavam trabalhando, eles falaram, mas só comentaram. Não emitiram nenhuma opinião a favor, nem contra, nem nada. Eles fizeram um relato. Entendeu? Até a C... que é bem falante foi quem fez a narrativa. Olha, a gente está fazendo isso, mas não disse a gente é a favor nem contra nem nada.

Eu – Da turma assim, você percebe alguma mudança, algum comportamento diferente depois das aulas, pra bom ou pra ruim.

Direção – Não sei. É que com a chegada da primavera eles mudam completamente. Agora na faixa da primavera que eles sempre se mexem mais, que eles ficam mais agitados. Alguns alunos já estão aprovados, então os aprovados já ficam mais soltinhos. Não sei se tem a ver também.

(telefone)

Eu – Eu queria que tu falasses sobre a minha postura. Queria que tu ficasses bem a vontade pra falar sobre a minha postura enquanto profissional, enquanto professora, se tu tem alguma crítica a fazer, ou o que tu achava da minha postura aqui na escola.

Direção – Eu gosto porque você é bem responsável, cumpre seus horários, sempre que promete vir, comparece. Já veio com planejamento feito, eu gostei bastante da sua postura como estagiária, no caso.

Eu – E tu acha que essa postura teve alguma relação para você aceitar essas aulas de teatro. Eu queria muito saber por que você acha que você me deixou entrar numa disciplina obrigatória.

Direção – Primeiro porque eu já te conhecia. Segundo que o professor de artes foi quem intercedeu a teu favor, disse que haveria o espaço e tudo mais. Porque eu só

pude fazer isso porque ele cedeu as aulas. E porque eu sabia que tu não ias ficar fazendo coisas revoltadas ou com os alunos soltos. Como tem algumas outras pessoas no passado marcavam de vir às 10h e chegavam às 13h, ou não vinham. Então como mudou e tu eras uma pessoa bem responsável, eu deixei se não, não ia deixar. Por causa da tua postura profissional é que eu abri essa brecha e porque o professor de artes disse que dentro da disciplina dele tu poderias trabalhar.

Eu – E tu achas que os alunos tiveram uma boa aceitação comigo enquanto profissional?

Direção – Sim, eles tiveram sim. Aquela turma é uma turma assim: se eles não gostassem, eles iam dizer pra ti mesmo “Olha, a gente não ta gostando, a gente não vai fazer”. Eles são bem originais, eles não ficam mascarando a verdade.

Eu – Eu to te perguntando essas coisas porque a minha pesquisa é bastante em cima da teoria de Paulo Freire. Então, é muito importante pra mim a postura do professor porque a postura do professor reflete o que ele estuda, o que ele acredita. Ou deveria pelo menos. E por isso é muito importante saber sobre essas questões. E tem mais alguma coisa que você queria falar sobre teatro, sobre a importância das aulas ou enfim sobre as aulas?

(dispersão)

Direção – Eu acho que foi bem bom. Faz bem essas pessoas que querem trabalhar, que são responsáveis, que têm um objetivo. E eu acho que essa matéria no futuro, de repente na arte que agora tem a música, o teatro também deveria ter. Mas com profissionais comprometidos. Até mesmo na alfabetização tem professores que não tem o compromisso e ai tu chega lá “Ah to trabalhando Paulo Freire”, mas Paulo Freire não disse que a aula tinha que ser uma bagunça, porque os alunos cada um fazendo uma coisa ninguém acaba aprendendo nada. Ele dizia que tu tinhas que usar um método que agradasse o aluno, não é isso que ele disse? Que o professor tem que chegar ao aluno, mas ele não disse pra fazer da aula uma bagunça. E as suas aulas eram organizadas, era tudo com um objetivo. Você ta de parabéns.

Eu – (risos) Obrigada.

(dispersão)

Eu – E tu já tinha ouvido falar, aliás, tu já estudou Paulo Freire?

Direção – Quando eu fiz a pós, eu fui obrigada a estudar Paulo Freire, Vygotsky, Maria Soares... Todos aqueles que são da pedagogia, que eu não vi na geografia.

(telefone)

Eu – E tu já tinha ouvido falar do Augusto Boal?

Direção – Não, realmente não é.

Eu – E como eram as aulas de teatro antes aqui?

Direção – O monitor jogava bola com as crianças no campinho, passava um filme, mas não tinha teatro, teatro mesmo.

Eu – E algumas crianças comentaram que antes, às vezes, vinha um diretor de teatro.

Direção – Ah isso foi há bastante tempo. Ele fez um teatro que era as 17h30, uma vez por semana. Trabalhava até as 18h30 e aí eles confeccionavam as roupas e tudo mais, mas aí ele tinha um roteiro.

Eu – Mas é diferente das minhas aulas.

Direção – Isso. Ele fez um auto de natal, ele fez peças como a Chapeuzinho Vermelho, entendeu? Cada um tinha uma parte. As crianças gostavam muito, participavam. E elas mesmas faziam suas roupas. Ele era bem legal. Só que naquela época eu estava na sala de aula, não era da direção. Eu observava o contexto e conversava com ele. A A... participava. Eles gostavam, era fora do horário de aula. Não sei. Como se ele fosse voluntário, ele vinha aqui não sei se a SME pagava alguma coisa, como eu não era da direção eu não sabia. E era uma vez por semana, uma hora. E aí no Natal ele fez um presépio vivo, todos eles... Tava bem bonito, bem organizado.

(dispersão)

Anexo B – Entrevista com os alunos do sexto ano 11-12-2013

Eu – Vou pedir pra vocês falarem bem alto para o gravador gravar tudo. Em ordem aleatória, quem sentir vontade de falar. Fala pra mim o que vocês mais gostavam na aula de Teatro?

Aluna 2 – Das brincadeiras. (risos)

Eu – Das brincadeiras? Que brincadeiras?

Aluna 1 – Aquela que tinha que imitar a bebida e a comida e o outro tinha que adivinhar o que é.

Eu – E vocês gostavam daqueles que faziam cena, ou não?

Aluna 1 – Mais ou menos.

Todos – Éé..

Aluna 3 – Era meio difícil.

Aluna 1 – Tem alguns que não sabiam fazer direito e daí ficava difícil de fazer.

Eu – E o que vocês não gostavam na aula de teatro?

Aluno 2 – Quando você obrigava a gente a fazer as coisas. Às vezes era chato e você obrigava a gente.

Aluna 3 – É teve aquele da voz que eu não queria fazer e você queria que eu fizesse.

Eu – Mas daquela vez a gente conversou não é?

Aluna 2 – Ou quando os outros ficavam tirando sarro de você

Eu – E o que vocês achavam diferente na aula de teatro que não tem nas outras aulas? Além do fato de ser teatro e não ser matemática, ou enfim. O que vocês achavam diferente?

Aluno 1 – A gente ia na quadra.

Aluna 2 – Tudo não é?

Aluna 1 – Na sua aula a gente ia pra quadra.

(burburinho)

Eu – Gente, um de cada vez se não, não dá pra entender depois.

Aluna 2 – As brincadeiras. O jeito de ser da aula.

Aluna 3 – Não é como as outras aulas.

Eu – E vocês acham que essa aula é importante ou é só diversão, só brincadeira?

Todos – Éé...

Eu – Podem ser sinceros pessoal, não tem problema.

Aluna 3 – É que a brincadeira é importante também, para mexer com o corpo.

Eu – E vocês acham que isso ajudou em alguma coisa em vocês, de repente no corpo, no relacionamento com as pessoas.

Aluna 1 – Está diferente sim. Na turma.

Eu – Vocês acham que a turma está diferente depois dessas aulas?

Aluna 2 – É antes a gente não era tão unido.

Aluna 3 – A gente só se reunia pra comer (risos).

Eu – E aquelas últimas aulas que a gente fez que eu falei sobre opressor, oprimido. O que vocês acharam daquelas aulas?

Todos ao mesmo tempo – É... Meio chata.. Não sei...

Aluno 1 – É que tinha que ficar lendo.

Eu – Todo mundo achou bem chata essas aulas então?

Todos – Não sei... Não é bem assim... Mais ou menos...

Aluna 2 – A gente aprendeu alguma coisa, mas...

Aluna 3 – Não era chato, mas as brincadeiras eram mais legais.

Eu – E ficou chato tipo matemática?

Todos – Não!

Aluna 3 – Matemática é bem mais chato.

Aluna 1 – Ficou chato igual história.

Aluno 1 – Igual português.

Eu – Ficou chato igual todas as outras aulas é isso?

Aluna 1 – É. Nem tanto.

Eu – E aqueles exercícios de fazer a cena do opressor, de fazer a cena do ônibus que a gente fez, do cara do emprego. O que vocês acharam?

Aluna 3 – Ah aquele foi muito legal.

Eu – E por que foi muito legal? Por que foi legal essa e a outra não?

Aluna 2 – É porque ali a gente fez a realidade. As cenas eram cenas de verdade.

Aluno 2 – Ah e porque aquilo era errado e tinha que fazer diferente.

Aluna 1 – Foi legal porque todo mundo fez junto. Que é difícil a gente se junta pra fazer as coisas.

Eu – Ah entendi. E a G... Falou que foi muito legal porque são cenas que realmente acontecem. Todo mundo concorda com isso, ou discorda?

Aluna 2 – Não aconteceu com nós, mas acontecem com outras pessoas.

Eu – E vocês acharam que foi importante trazer isso pra aula?

Aluna 1 – É que antes a gente achava que falou e ficava desse jeito. Tipo, se ele fala do outro e o outro fica num canto a gente achava que não foi nada, mas agora a gente pensa antes de falar porque pode magoar.

Eu – O que vocês acharam da minha postura enquanto professora.

Aluna 3 – Ah é igual os outros.

Eu – Mas é igual por quê? O que eu faço que é igual? Ou tem alguma coisa diferente?

Aluno 1 – Ah é diferente sim.

Aluna 1 – Tu consegues explicar melhor, porque tu faz com a gente.

Aluna 3 – Elas falam: é desse jeito e ponto final. Você já explicava.

Eu – E vocês acham que eu escutava vocês, ou não, eu nunca escutei vocês?

Aluno 1 – É escutava de vez em quando.